

A PSICANÁLISE QUANDO FALA DA FUNÇÃO PATERNA SE REFERE AO PAI DA REALIDADE?

2009

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário Jorge Amado como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de psicóloga.

Liz Fernanda Mota Jesus

Psicóloga
Clínica Médica da Família

Contacto:
lizpsicoo@yahoo.com.br

Orientadora:
Ana Laura Pepe

RESUMO

O presente artigo visa discutir o que a psicanálise fala sobre o pai baseada numa revisão de literatura. Diante disso, desenvolve a idéia apresentada por alguns psicanalistas como Freud, Lacan e outros que abordam sobre esse tema. Procede-se assim uma leitura dividida em três aspectos. A primeira fala sobre o complexo de Édipo em Freud, a segunda sobre a contribuição de Lacan quando sistematiza o Édipo ao falar da metáfora paterna e por último, é abordado sobre o lugar do pai da realidade e da família na contemporaneidade. O objetivo do artigo é verificar a diferença entre o pai da realidade com o pai enquanto operação simbólica na constituição subjetiva. Foi possível concluir que na operação simbólica através da metáfora paterna é que a criança substitui o significante do desejo da mãe pelo significante do desejo do pai. Além de que não precisa que exista um pai encarnado para que a função seja estabelecida.

Palavras-chave: Complexo de Édipo, castração, nome-do-pai, metáfora paterna.

1. INTRODUÇÃO

O Pai. Assim é introduzido esse presente artigo. É através deste termo que tudo irá se desdobrar daqui por diante. Mas é importante destacar desde agora, que não se trata do pai que estamos acostumados a falar e ouvir, aquele pai do senso comum, de carne e osso, do pai real. Não, não é bem desse que se trata, ele tem sua importância, mas quando se fala do pai, poderemos ir mais além, é possível falar dele através de outro lugar, falar sobre o pai enquanto função que tem outro sentido na psicanálise, outra denotação diferente do pai biológico.

Mas o que seria o pai para a psicanálise? Que função ele teria e em que lugar ele estaria colocado para essa teoria? São perguntas que aparecem e que por esse motivo e mais alguns outros que decidi escrever esse presente artigo.

Freud, com suas formulações acerca da Psicanálise, vai dar o pontapé inicial para essa conceitualização acerca da função paterna. É no caso do Pequeno Hans que começará a emergir, através de apontamentos trocados com o pai do seu paciente que Freud irá fundo, desvendando assim o complexo de castração:

aos três anos e meio, sua mãe o viu tocar com a mão no pênis. Ameaçou-o com as palavras: ‘Se fizer isso de novo, vou chamar o Dr. A. para cortar fora seu pipi. [...] foi essa a ocasião da aquisição do ‘complexo de castração (FREUD, 1909/97, p. 4-5)

Pensando dessa forma, o que seria castração? De acordo com Nasio:

em psicanálise, o conceito de castração não corresponde à aceção habitual de mutilação dos órgãos sexuais masculinos, mas designa uma experiência psíquica completa, inconscientemente vivida pela criança por volta dos cinco anos de idade, e decisiva para a assunção de sua futura identidade sexual. [...] pela primeira vez, a criança reconhece, ao preço da angústia, a diferença anatômica entre os sexos (NASIO, 1997, p. 13).

É ao preço dessa angústia que a criança descobrirá que alguma coisa tem de diferente entre ela e o sexo oposto, mas o que vale ressaltar, é que tudo isso acontecerá com a intervenção de um terceiro, ou melhor, com a entrada do pai nessa experiência. O pai manejará intervindo através das ameaças verbais para com a criança, para que esta possa renunciar suas fantasias de um dia possuir o seu objeto amado, que é a mãe. Ou melhor, “tirar do menino toda e qualquer esperança de um dia tomar o lugar do pai na relação com a mãe” (NASIO, 1997, p. 14-15).

É nesses trâmites que o complexo de Édipo se desenvolverá, Freud com seus méritos irá falar sobre o Complexo de Édipo tanto no menino como na menina, cada um com o seu direcionamento, onde é preciso passar por essa experiência de angústia e conflito, e assim, o

sujeito irá se constituir. “O Édipo, como Freud o considerou, é um complexo, um conflito a ser considerado pelo sujeito” (BARROS, 2001, p. 95).

Mas no decorrer do tempo, com uma releitura de Freud do lugar do pai na psicanálise, é que Lacan irá mostrar de forma bastante contundente e clara, a função do pai. Dizendo que é através, da Lei do incesto, que tudo irá acontecer. Dor (1989) diz mais sobre a contribuição de Lacan:

Lacan procurou circunscrever esse espaço de inteligibilidade do Édipo em torno do processo da metáfora do Nome-do-Pai, que articula principalmente a função fálica à sua ocorrência correlativa: o complexo de castração. O operador que irá negociar esta articulação será o significante Nome-do-Pai, que irá balizar e estruturar toda a trajetória edipiana (DOR, 1989, p. 77).

É através desses conceitos que Lacan irá tramar toda a história da função paterna, colocando sempre a importância do pai simbólico como o personagem principal, pois só através dele é que essa história poderá se perpetuar. Então para Lacan (1999), o pai da realidade está apenas como representante, o que irá dar significância a toda essa trama será o significante Nome-do-Pai e assim desdobrando toda a importância da metáfora paterna perante o lugar do pai na família.

Diante desta fascinante noção de pai no campo conceitual da psicanálise, fiquei a pensar sobre a literatura que fala da função do pai. No tempo em que esta questão mobilizava meu desejo de escrever sobre o tema, um episódio da novela Caminho das Índias me possibilitou inclusive pensar sobre os efeitos da falta desta função. No episódio citado um pai tendo que internar seu filho numa crise esquizofrênica se nega à assinar seu nome no documento de internação. Desta questão trataremos adiante. Outros questionamentos aparecem muito na clínica de acordo com o que escuto de meus colegas nas supervisões de estágio, casos em que os pais se separam, o pai esquece que tem filhos e pensa que apenas ajudando economicamente é o suficiente. Enfim, são fatos da nossa contemporaneidade que precisam ser discutidos e pensados tanto para a prática clínica como teoria da psicanálise.

O objetivo deste artigo é através de uma revisão bibliográfica verificar a diferença entre o pai da realidade com o pai enquanto operação simbólica na constituição da subjetividade, tomando como ponto de partida os textos contidos na obra de Freud, Lacan e de outros autores psicanalistas que também se referem a esta conceitualização. Dessa forma, esse trabalho foi dividido na análise de três aspectos. Na primeira será abordada o Édipo em Freud. Na segunda sobre a contribuição de Lacan (1999), quando sistematiza o Édipo ao falar da metáfora paterna. Na terceira categoria será abordado sobre o lugar do pai da realidade e da família na contemporaneidade.

Esse trabalho tem como proposta um aprofundamento teórico, contribuindo, assim, para a compreensão da prática clínica e teórica da psicanálise.

2. O PAI NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

2.1. A teoria do Édipo em Freud

A função paterna tem sua importância devido à articulação que faz com dois conceitos que a psicanálise usa para teorizar o psiquismo e explicar a constituição subjetiva do sujeito: a falta e a lei da castração. Assim, falar da metáfora paterna exige, portanto, falar do Édipo na teoria psicanalítica e fazer emergir o pai como seu operador.

Freud outorga ao pai um lugar de ordenador, instalando-o no centro do complexo de Édipo. Ele é quem abre para o sujeito a porta de entrada neste complexo e também quem tem a chave de saída. É com ele que o sujeito se identifica, é ele quem aponta a mãe como objeto de desejo e marca sua proibição. É ele quem garante o nome das coisas e a sua falta. Todas essas operações necessitam do pai, no papel do agente, de testemunha, de ordenador (BARROS, 2001, p. 95).

Surge a questão da possibilidade de articular o complexo de Édipo em Freud com a função paterna em Lacan (1999). Primeiramente aparece a seguinte pergunta: por que falar do Complexo de Édipo diante da função paterna? Na literatura estudada o Édipo é o ponto decisivo da sexualidade humana, e não teria como falar do pai sem falar do Édipo. É como diz Freud (1923/97, p. 89) no seu texto sobre A dissolução do complexo de Édipo que “em extensão sempre crescente, o complexo de Édipo revela sua importância como fenômeno central do período sexual da primeira infância”.

Portanto é nesse processo do Complexo de Édipo que o sujeito irá se deparar com a falta, como também irá se identificar com o Outro, existirá a hostilidade para com os pais, é o momento da descoberta da sexualidade, onde a mãe não tem o falo, mas o pai tem, o menino terá seu caminho e seus questionamentos nessa jornada, a menina pelo mesmo lado só que de forma diferente e assim o pai que é o representante simbólico dessa operação vai fazer com que aconteça a separação entre mãe e filho, os quais estão em um estado de puro entrelaçamento. Isto faz parte da constituição do sujeito, é o ponto de partida para que se torne um sujeito desejante.

Para falar do Complexo de Édipo em Freud, é preciso ressaltar suas transformações e suas contribuições no decorrer do tempo. Diante do arcabouço teórico Freudiano, é possível perceber que a cada texto que ele vai escrevendo, vai colocando novos pontos de vista sobre o texto anterior, fazendo as alterações necessárias, acrescentando idéias inovadoras e assim esse autor vai formulando sua teoria no decorrer do tempo de acordo com suas experiências clínicas e troca de cartas entre colegas da área.

Indo até a história, é importante salientar que Freud tomou essa idéia de complexo de Édipo do mito de Édipo:

Édipo nasceu em Tebas, seu pai Laios casou-se com sua mãe Jocasta e teriam sido felizes como reis de Tebas se não fosse um problema: não conseguiam ter filhos. Devido a esse fato,

foram consultar o Oráculo de Delfos. No templo, a pitonisa délfica revelou que teriam um filho dentro de pouco tempo, mas que ele estava destinado a matar o pai e casar-se com a mãe. Mas mesmo assim eles ficaram felizes com a notícia. Quando nasceu, Laios lembrou-se do oráculo e mandou os servos matarem o bebê. Conduziram-no para uma floresta, furaram-lhe os pés e o amarraram de ponta cabeça em uma árvore para ser devorado pelos animais selvagens. Uns pastores de Corinto o acharam e deram-no aos reis de Corinto, que também sofriam por não ter um filho. O rei e a rainha adotaram-no, e lhe deram o nome de Édipo, que quer dizer "pés furados". Quando cresceu, Édipo começou a sentir-se diferente dos seus pais e foi consultar o Oráculo de Delfos. Aí soube que estava destinado a matar o próprio pai e a casar-se com a mãe. Horrorizado, decidiu ir embora e ficar longe da cidade (SÓFOCLES, 2004).

Em uma estrada estreita, nas montanhas, os carros acabaram chocando-se de raspão. Édipo revoltado, matou o cocheiro do outro carro e o patrão do cocheiro, devido a xingamentos. Chegou a Tebas e encontrou a cidade consternada por dois problemas: o rei tinha morrido e um monstro, a Esfinge, ficou na porta da cidade propondo um enigma. Como ninguém sabia responder, a Esfinge ia matando um por um. Jocasta tinha oferecido sua mão a quem livrasse a cidade desse monstro. Édipo foi enfrentar a Esfinge e o enigma era: o que é que tem quatro pés de manhã, dois ao meio dia e três à tarde? Édipo respondeu que era o homem, porque engatinha quando criança, passa a vida andando sobre dois pés mas, velho, tem que recorrer a uma bengala. A Esfinge suicidou-se e Édipo, casando-se com Jocasta, tornou-se o rei de Tebas, onde tiveram quatro filhos. Mas, depois, uma peste assolou a cidade. Édipo chamou Tirésias, um velhinho cego e sábio que vivia em Tebas. Este disse que a causa era o assassino de Laios, que continuava na cidade. Édipo prometeu prendê-lo e matá-lo, mas o sábio revelou que ele mesmo era o assassino, porque Laios era o dono do carro que ele enfrentara. Jocasta suicidou-se, Édipo furou os próprios olhos e renunciou ao trono. Cego, soube que devia ir a um bosque sagrado, em Colonos, perto de Atenas. Encontrou um lago, onde tomou banho, e uma caverna, onde entrou depois de mudar de roupa. Entrou na eternidade (SÓFOCLES, 2004).

Essa passagem sobre O Édipo Rei, retrata justamente a questão de Édipo trazida por Freud, mesmo que inconsciente, ter matado seu pai e ter tido uma relação amorosa com sua mãe, ou seja, a proibição do incesto nesse caso não ocorreu. É por esse caminho que Freud desenvolveu a sua teoria com base no complexo mostrando que é preciso ter um corte, que a criança perceba o seu lugar, vivenciado de forma angustiante.

Nos escritos que seguirão adiante, para o melhor entendimento do complexo de Édipo, foi feita a descrição deste tanto no menino quanto na menina. Dando início, segue o que Freud formulou acerca do Édipo no menino:

entre o amor narcísico pelo pênis e o amor incestuoso pela mãe, o menino escolhe o pênis. Freud descobriu, por ocasião de seu trabalho com um menino de cinco anos, o "Pequeno Hans", aquilo a que chamaria complexo de castração. Foi através da análise desse garotinho, mas também apoiando-se nas lembranças da

infância de seus pacientes adulto, que Freud destacou esse complexo, descrito pela primeira vez em 1908 (NASIO, 1997, p. 14).

Diante disso, seguiremos sobre o complexo de castração no menino no que diz Freud e mais um autor que segue suas interpretações a cerca desse complexo.

Nasio (1997, p. 14) diz que “só podemos compreender o que realmente está em jogo na castração a partir dessa ficção do menino, segundo a qual todos possuiriam um pênis semelhante ao seu”. Freud (1923/97) vai destacar durante suas pesquisas sexuais das crianças que o menino em primeiro momento vai pensar que todo mundo tem um pênis, tanto o homem quanto a mulher possuem esse órgão:

o menino, sem dúvida, percebe a distinção entre homens e mulheres, porém, de início, não tem ocasião de vinculá-la a uma diferença nos órgãos genitais dele. Para ele é natural presumir que todos os outros seres vivos, humanos e animais, possuem um órgão genital como o seu próprio (FREUD, 1923/97, p.74-75).

Seguindo assim esses momentos cruciais do psiquismo infantil, Nasio (1997, p.14) acrescenta que há “a época das ameaças verbais que visam a proibir à criança suas práticas auto-erógenas e obrigá-la a renunciar a suas fantasias incestuosas”. Portanto a criança na sua imaginação diante dessas ameaças vai pensar que caso ela não pare com as carícias, irá perder esse órgão que ela tanto idolatra.

É interessante destacar o que Freud (1923/97, p.75) fala sobre essas “apalpações” que diz Nasio no seu texto. “Essa parte do corpo, facilmente excitável, inclinada a mudanças e tão rica em sensações, ocupa o interesse do menino em alto grau e constantemente estabelece novas tarefas ao seu instinto de pesquisa”.

Ainda Nasio (1997, p. 14-15), coloca que “a meta implícita das advertências parentais é tirar do menino toda e qualquer esperança de um dia tomar o lugar do pai na relação com a mãe”. Valendo ressaltar que toda essa experiência psíquica vivida pela criança (castração) é notada como ponto fundamental, o pênis. Mas o que está valendo inconscientemente é esse efeito que é dado para que o menino seja barrado em sua fantasia de possuir seu objeto de amor que é a mãe.

Um belo dia dá-se que o menino, orgulhoso de sua posse de um pênis, tem diante de seus olhos a região genital de uma menina e é forçado a se convencer da falta do pênis num ser tão parecido com ele. A partir desse fato, a perda de seu próprio pênis torna-se também uma coisa passível de ser representada, e a ameaça de castração consegue fazer efeito só depois (FREUD, 1940/97, p. 60-61).

As ameaças anteriormente direcionadas para ele, irão voltar as suas lembranças e assim vai perceber que ele realmente poderá não ter mais o seu órgão genital tão venerado, assim como sua

irmãzinha não tem. O menino irá resistir a essa idéia, de que não é possível que sua irmãzinha, um ser igual a ele, não tenha o pênis.

“Sabemos como as crianças reagem às suas primeiras impressões da ausência de um pênis. Rejeitam o fato e acreditam que elas realmente, ainda assim, vêem um pênis. Encobrem a contradição entre a observação e a preconceção dizendo-se que o pênis ainda é pequeno e ficará maior dentro em pouco” (FREUD, 1923/97, p.75).

Nasio (1997, p. 16) confirma esse trecho de Freud citado logo acima pontuando que “em vez de reconhecer a ausência radical de pênis na mulher, a criança teima em lhe atribuir um órgão peniano, suprindo-o com um comentário: “A menina tem um pênis que ainda é pequenino, mas ele vai crescer”.

Um pouco depois de todo esse processo, o menino vai perceber que sua mãe, objeto amado, também não tem o pênis. Como diz Freud (1923/97, p. 75), “mais tarde, quando a criança retoma os problemas da origem e nascimento dos bebês, e adivinha que apenas as mulheres podem dar-lhes nascimento, somente então também a mãe perde seu pênis”.

“A visão da ausência do pênis na mulher, de um lado, e a evocação auditiva das ameaças verbais parentais, de outro, definem as duas condições principais do complexo de castração” (NASIO, 1997, p. 16). É no ver e no ouvir que o menino vai finalmente acreditar que ele pode perder seu pênis. Mas o que vale ressaltar é que tudo isso, com base na teoria psicanalítica, vai na ordem do inconsciente.

Freud (1908/97, p. 19) finaliza dizendo que “no menino, o complexo [de Édipo] não é simplesmente recalcado, mas desfaz-se literalmente em pedaços sob o impacto da ameaça de castração [...]; nos casos ideais, não mais subsiste sequer no inconsciente”. Portanto, renunciando ao amor de sua mãe o complexo de Édipo é finalizado, podendo assim firmar sua identidade masculina. É um processo difícil, é vivido de forma muito intensa que no final não fica quase nada dessa experiência.

O complexo de Édipo na menina é realizado de forma diferente do menino “enquanto o complexo de Édipo do menino naufraga sob o efeito do complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração” (FREUD, 1923/97, p. 120). Enquanto o do menino renuncia seu amor pela mãe, o da menina inicia o amor edipiano pelo pai. Nasio (1997, p.18) afirma que “o Édipo no menino nasce e se encerra com a castração. O Édipo na menina nasce, mas não termina com a castração”.

Existem segundo Freud, dois pontos que são comuns entre o Édipo na menina e no menino. “O clitóris da menina comporta-se, de início, exatamente como um pênis” (FREUD, 1923/97, p. 121). Para a menina, todo o mundo tem pênis, seu clitóris para ela é um pênis. O segundo ponto em comum é a separação da mãe castrada. Nasio (1997, p.17) sobre essa separação diz que “[...] a mãe continua a ser o personagem principal até o momento em que o menino se separa dela com

angústia, e a menina, com ódio”. Ambos irão se separar da mãe, mas cada um com seu sentimento em relação à castração.

“A menina observa o pênis grande e bem visível de um irmão ou de um coleguinha de brincadeiras. Reconhece-o de imediato como a réplica superior de seu pequeno órgão oculto [o clitóris] e, a partir daí, torna-se vítima da inveja do pênis” (FREUD, 1940/97, p. 61). Pode-se perceber que de primeira a menina já percebe que é castrada, e ao se deparar com esse fato, quer ter um pênis.

[...] a menina considera sua mutilação, inicialmente, como um infortúnio individual; só mais tarde é que finalmente percebe que outros seres femininos, dentre eles sua própria mãe, são semelhantes a ela. Ora, seu amor era dirigido a uma mãe fálica, e não a uma mãe castrada. Por conseguinte, torna-se possível afastar-se dela e deixar que os sentimentos hostis, acumulados desde longa data, levem a melhor (FREUD apud NASIO, 1997, p. 26)

A menina ao saber que a mãe também é castrada igualmente a ela, sente ódio da mãe, por essa não ter lhe dado um pênis. Diante dessa situação, dentro dessa hostilidade sentida pela menina em relação à mãe, a menina escolhe o pai como objeto de amor. Freud (1940/97, p. 65) diz que “em seu ressentimento, ela se afasta da mãe e adota outro objeto de amor: o pai. [...] Suas novas relações com o pai podem estabelecer-se, a princípio, com base no desejo de dispor do pênis dele [...]”.

Diante da castração, de saber que não tem o pênis e sentir a falta do mesmo, a menina vai escolher seu caminho e assim seguir a sua feminilidade ao longo de toda a vida. Nasio (1997, p.21) vai fechar essa experiência da menina da seguinte forma: “A feminilidade é, definitivamente, um constante devir, tecido por uma multiplicidade de trocas, todas destinadas a encontrar para o pênis o melhor equivalente”.

2.2. O Pai é uma função para Lacan

Lacan (1985) diz que o Édipo é universal e contingente, isto é, é um processo que ocorre no humano para o mesmo tornar-se sujeito desejante, mas é contingente na medida em que cada um pode operar de forma diferente. Para isso o autor diz:

O complexo de Édipo tem uma função normativa, não simplesmente na estrutura moral do sujeito, nem em suas relações com a realidade, mas quanto à assunção de seu sexo. [...] aquilo que faz com que o homem assuma o tipo viril e com que a mulher assumam um certo tipo feminino, se reconheça como mulher (LACAN, 1999, p. 170-171).

Segundo Dor (1991), o pai tem um papel muito importante nesse processo edípiano, sendo portador da Lei de interdição do incesto é que este personagem vai articular uma história onde todos os outros personagens entrarão em ação, como também, haverá aí um ponto de extrema delicadeza em função da constituição do sujeito. Lacan (1999, p.171) afirma que “não existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai”.

O pai poderá marcar seu lugar, mostrar que a criança não é apenas da mãe, ele também tem seu valor para com esse sujeito. Diferentes autores falam que no entanto a mãe é certa, o pai é incerto, isto significa que não há dúvida em relação a quem é a mãe da criança, já quando se fala em relação ao pai a dúvida pode estar presente devido a que ele assume seu lugar, através da fala da mãe – “você vai ser pai”. Estamos então de saída em relação ao pai no simbólico já que só sabe que será ou é pai mediante a fala da mãe. E é através do simbólico que a paternidade começa a ser inscrita, certificada e esse filho a partir desse momento também o é seu, não sendo apenas da mãe. Esse é o primeiro momento onde o pai faz sua marca, faz função. É através do significante Nome-do-Pai, que o pai poderá ir ordenando, ou melhor, interditando essa trama entre mãe e filho. Barros (2001, p. 95) pontua, “o Nome-do-Pai não é o patronímico, isto deve estar claro, sua dimensão é da ordem do significante, uma ordenação capaz de produzir um esvaziamento do gozo”. Assim, é através do complexo de Édipo que o psíquico irá se organizando, o sujeito se constituindo, deparando-se com o Outro e se inserindo na cultura, mediado pela função desse significante.

Ainda com Barros (2001, p. 95-96), “para a psicanálise, o estabelecimento do laço social na cultura e a inserção da criança no universo das leis e do desejo são iniciados por uma estrutura edípiana que promove a sua inserção no social”. Portanto, a criança quando se depara com esse interdito, sente-se castrada, procura assim seguir seu caminho, a obedecer ao que lhe foi mostrado, operada pela linguagem, transmitida pela metáfora paterna.

Então, o que é o pai para a psicanálise?

O pai não é um objeto real, então o que é? (...) O pai é uma metáfora. O que é uma metáfora? (...) É um significante que vem no lugar de um outro significante (...). O pai é um significante que substitui um outro significante. E aí está o alcance, o único alcance essencial do pai ao intervir no complexo de Édipo (LACAN apud DOR, 1989, p. 78).

Mas diante dessa resposta que Lacan dá sobre a metáfora, vem a pergunta: e quando não existe o pai, quando o pai já morreu, por exemplo, será que o Édipo constitui-se normalmente? Lacan (1999, p. 172) responde: “(...) Percebeu-se então que um Édipo podia constituir-se muito bem, mesmo quando o pai não estava presente”.

Mesmo nos casos em que o pai não está presente, em que a criança é deixada sozinha com a mãe, complexos de Édipo inteiramente normais – normais nos

dois sentidos: normais como normalizadores, por um lado, e também normais no que se desnormalizam, isto é, por seu efeito neurotizante, por exemplo – se estabelecem de maneira exatamente homóloga à dos outros casos (LACAN, 1999, p. 173).

Dessa forma tudo vai depender de como esse pai é falado por essa mãe, seja tio, avô, padrasto, qualquer um exerce essa função, mas o que importa é a fala de quem está na posição materna. É como diz Lacan (1999, p. 173), “(...) que o pai esteja presente mesmo quando não está”.

Seguindo este raciocínio, e trazendo novamente a lei de interdição à tona, o pai como diz Lacan (1999, p. 174), “antes de mais nada, interdita a mãe. Esse é o fundamento, o princípio do complexo de Édipo, é aí que o pai se liga à lei primordial da proibição do incesto”, fazendo com que o desejo da mãe seja submetido ao Nome-do-Pai e desta forma a criança deixa de ser assujeitada à mãe.

O pai irá intervir, proibir, dizer não, tanto para o filho como para a mãe. Para ilustrar essa questão, Barros (2001, p. 97) fala que “em relação ao filho, a ordem paterna dirá: ‘Não deitarás com tua mãe!’. E a mãe submeter-se-á à lei do pai, na medida em que a ordem paterna interdita-lhe possuir o filho: ‘E não recolocarás em teu ventre seu filho’”.

Basicamente e é de se pensar, que o pai para a mãe e para o filho, que estão ali num entrelaçamento de puro desejo, um venerando o outro, sendo aquilo que cada um quer que seja, logicamente esse pai que proíbe não será bem visto por ambos, ele irá perturbar, incomodar, ser o chato da história dessa dupla.

Lacan (1995) ao falar das três formas da falta de objeto articula essas três formas de falta com a interdição do pai no real, no imaginário (pai da realidade) e no simbólico.

Ao se referir à operação de castração, traz a intervenção real do pai tratando-se assim de uma ameaça imaginária, pois, é de se duvidar que realmente o filho tenha o seu pênis cortado. Lacan (1999, p. 178) propõe que “a castração é um ato simbólico cujo agente é alguém real, pai ou mãe, que lhe diz: ‘Vamos mandar cortá-lo’ e cujo objeto é um objeto imaginário – se o menino se sente cortado é por imaginar isso”.

Na segunda forma de falta, a da frustração, Lacan (1999, p. 178) fala que “o pai como simbólico que intervém numa frustração, ato imaginário concernente a um objeto muito real, que é a mãe, na medida em que a criança necessita dela”. Nesse plano, o pai tem o direito à mãe, a criança percebe mesmo o pai estando ausente esse seu poder, que a mãe pertence ao pai e não a ele.

Por último, vem a forma de falta da privação, que é a das identificações, em que o pai substitui a mãe no desejo do filho. A criança vai perceber que ela e nem a própria mãe tem o falo, restando-lhe a alternativa de se identificar com o pai.

Em outras palavras, no momento da saída normatizadora do Édipo, a criança reconhece não ter – não ter realmente aquilo que tem, no caso do menino, e

aquilo que não tem no caso da menina. O que acontece no nível da identificação ideal, nível em que o pai se faz preferir à mãe e ponto de saída do Édipo, deve levar, literalmente, à privação (LACAN, 1999, p. 179).

Novamente pondo em questão, que para a psicanálise, o que está em jogo não é o pai real, mas o pai simbólico, diante de toda essa “tempestade” que causa no âmbito familiar para que esses personagens que estão aí inseridos possam cada um tomar seu devido lugar. Barros (2001, p. 98) comenta que “interessa-nos sobremaneira a operação que o pai simbólico instaura no complexo, de substituir a mãe, de fazer advir no seu lugar... uma metáfora”.

Lacan (1999, p. 180) vai frisar de forma mais específica no seu texto. “A função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno. (...) O pai vem no lugar da mãe”.

2.3. Novas formas de pensar a função paterna

Tendo entendido que o pai na psicanálise é uma função que não coincide com o progenitor nem com um pai encarnado, o que podemos fazer é pensar sobre tudo o que acontece no dia-a-dia, nas transformações, nas mudanças de papéis, nas lutas, na contemporaneidade que estamos situados. Pensemos um pouco sobre as novas formas de famílias que estão sendo construídas e aparecendo pouco a pouco na sociedade. Portanto, são casais homossexuais lutando pela procriação medicamente assistida, sendo estas a inseminação artificial, o banco de esperma, como também, mãe se colocando no lugar do pai e vice-versa, pais que muitas vezes se distanciam do filho e pensam que ajudando financeiramente é o essencial que eles podem fazer, enfim, são as famílias contemporâneas que estão aí a cada dia se tornando cada vez mais presentes e querendo ou não são novas formas para poder pensar sobre o lugar que cada personagem ocupa dentro do âmbito familiar. Fazendo uma ligação com a função paterna, Passos (2007, p. 1) afirma que “tais modificações têm como pano de fundo a perda do domínio paterno, que transmite as descendências do patrimônio do sangue – a semelhança – e do nome – que confere uma identidade”.

Paramos para pensar, por exemplo, sobre a inseminação artificial, em que as mulheres não precisam mais de um homem (real) para poder ter um filho. Portanto, o ato sexual saiu de cena, a mulher acabou emergindo no seu papel, firmando a sua feminilidade, o casamento já não tem o mesmo fundamento como antes, diante das transformações sociais no decorrer do tempo. É como afirma Passos (2007, p. 3), “o nome que trazia a marca da soberania simbólica na criança não é mais prova de paternidade”. E existe aí uma questão: onde fica o pai? E tudo que acabamos de ver sobre o pai simbólico, sobre a lei, sobre a sua ordenação, onde ficará esse processo essencial na constituição subjetiva do sujeito? Lembremos aqui que a questão não é a ausência deste pai de carne e osso na concepção, mas muito mais no imaginário materno que pensa poder assim, impedir a circulação do Nome-do-Pai no seu desejo.

DOR (1991, p. 58) aponta:

mas é necessário ainda que este significante Nome-do-Pai seja explicitamente, e sem ambiguidades, referido à existência de um terceiro, marcado em sua diferença sexual relativamente ao protagonista que se apresenta como mãe.

É unicamente dessa forma que a não existência do Pai real, que esse significante Nome-do-Pai, poderá tomar sua forma no contexto simbólico como fala a psicanálise, e continua “basta que ele o seja no discurso da mãe, de tal forma que a criança possa entender que o desejo da mãe se encontra, ele mesmo, referido a ele – ou, em caso extremo, que o tenha estado, ao menos durante certo tempo” Op. Cit. (1991, p. 57). Assim, como já dito anteriormente, quando falamos sobre o pai simbólico, estamos falando da esfera significante, ou melhor, “apenas, este significante Nome-do-Pai pode, pois, ser sempre potencialmente presentificado como instância mediadora na ausência do Pai real” (DOR, 1991, p. 57).

Sigal (2003, p. 6) sobre essas novas formas de reprodução coloca que “a organização da lei de parentesco, linhagem e filiação, por serem organizações simbólicas, podem operar tanto nos casos de reprodução por fecundação com coito ou in vitro, como nos casos de adoção”. Essa autora também concorda com Dor, colocando que independente desses avanços tecnológicos, a constância simbólica que é regida pelo significante, estará sempre permanecendo em destaque nessas relações.

Todavia, caso a metáfora do Nome-do-Pai não estiver circunscrita ao discurso da mãe “[...] todo o processo da metáfora do Nome-do-Pai é comprometido, até mesmo fracassado” (DOR, 1991, p. 101). Lacan para explicitar sobre esse fracasso dá o nome de forclusão: “etimologicamente a forclusão é um termo saído do corpo da terminologia jurídica, que significa a abolição simbólica de um direito que não foi exercido no prazo prescrito” (DOR, 1991, p. 102).

Assim, se acontecer que nenhum outro significante venha substituir o significante do desejo da mãe, como é o caso do significante Nome-do-Pai, ocorrerá toda uma organização diferente da constituição psíquica do sujeito e essa poderá abalar profundamente. Fala-se em psicose quando há essa falha, a criança acaba não tendo essa Lei que o pai está fadado a realizar, e a realidade da criança é comprometida. Sobre esse comprometimento Dor (1991, p. 106) pontua que “permanecendo assujeitada a uma relação arcaica com a mãe, ela continua a se constituir como seu único objeto de desejo, isto é, como seu falo”.

Lacan sobre esse fato fala que:

aquilo sobre o que queremos insistir é que não é apenas a maneira pela qual a mãe se acomoda à pessoa do pai que nos deve ocupar, mas a importância que ela dá à sua fala, digamos, à sua palavra, à sua autoridade, em outras palavras, o

lugar que ela reserva ao Nome-do-Pai na promoção da Lei (LACAN apud DOR, 1991, p. 107)

Às vezes paramos e vemos essas situações postas em noticiários, do nosso lado acontecendo com conhecidos, e nos perguntamos: “mas como é que essa criança vai crescer sem ter um pai?”. Lembrando que de acordo com essa pergunta e voltando ao que temos discutido durante esse texto, não se trata de ter um pai, mas sim a função que diz a psicanálise. Mais do que nunca, a psicanálise nos trouxe uma resposta a essas indagações, claro que diante da contemporaneidade, com novas formas de famílias surgindo, como também, transformações sociais acontecendo, muitas respostas ficam soltas, procurando um direcionamento, mas a psicanálise não tem todas as respostas para essas novas questões. É como diz Passos (2007, p. 3), “a psicanálise entra em cena procurando promover o movimento reflexivo para dar conta do mundo extrapolado pelo próprio homem. Mundo esse onde se encontra bancos de esperma, barrigas de aluguel, clonagem, além da adoção, que nos faz questionar a representação materna e paterna”.

Isso traz como contribuição, a confirmação que o pai encarnado para a psicanálise não tem importância como se é pensado para a maioria das pessoas que não tem acesso a essa gama teórica. Esse “ir além” que a psicanálise nos proporciona pode nos mostrar uma visão diferenciada, um contexto mais fundado teoricamente, claro e sempre sem esquecer, que tudo isso faz parte do inconsciente.

Porque a dimensão do Pai simbólico transcende a contingência do homem real, **não é, pois necessário que haja um homem para que haja um pai** (grifo nosso). Seu estatuto sendo o de puro referente, o papel simbólico do pai é sustentado, antes de mais nada, pela atribuição imaginária do objeto fálico. Nessas condições, basta que um terceiro, mediador do desejo da mãe e do filho, dê argumentos a esta função para que seja significada sua incidência legalizadora e estruturante (DOR, 1991, p. 19).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi colocado até aqui fica evidente a importantíssima função que o pai tem na constituição psíquica do sujeito. Freud vai dar o pontapé inicial de toda essa teoria que irá centralizar o Édipo tanto no menino quanto na menina, pontuando sua saída e sua identificação em ambos, falando da castração e seu sentido nesse processo.

Tudo isso nos conduz enfim na direção da constatação do lugar ocupado pela representação paterna na Teoria Freudiana que se esforça por explicar o funcionamento psíquico. Lacan vai ilustrar toda essa fundamentação de Freud de uma forma mais consistente, falando assim sobre conceitos cruciais para a psicanálise: Nome-do-Pai, metáfora paterna, falo e foraclusão.

Todos esses conceitos mostram-se presente na vida psíquica do sujeito de forma inconsciente, do qual esse significante instaurado, fazendo sua ordenação presentificado a Lei pode mudar a realidade psíquica através do pai simbólico, tirando assim a mãe do seu lugar de falo imaginário e fazendo com que a criança desvie seu desejo para outro lugar que não seja alienado ao da mãe. Fala-se disso, colocando a metáfora paterna, como um significante que vai tomar o lugar do significante originário do desejo materno e que acima de tudo esse pai esteja presentificado no discurso materno. Falar de metáfora requer a compreensão que estamos situados no campo da linguagem e no registro do simbólico.

Outro ponto importante destacado nesse trabalho, perante a função paterna na psicanálise, foi que não precisa que exista um pai encarnado para que a sua função seja estabelecida.

Indo mais além desse apanhado, foi levantado na terceira categoria desse artigo, sobre as novas formas de famílias que estão aparecendo no cotidiano. E frisando mais uma vez sobre a importância que o pai simbólico tem, não fazendo muita ênfase para o pai carnal. Claro que tem um ponto de extrema importância nesse processo, que é o discurso da mãe que tem que estar referendado ao significante Nome-do-Pai. Dor (1991, p. 58) com base nisso fala que “certamente, basta que o significante Nome-do-Pai seja convocado pelo discurso materno para que a função mediadora do Pai simbólico seja estruturante”.

Mas casos em que no discurso da mãe o pai não esteja presente ou está de forma desvalorizada, a função paterna estará ameaçada e possivelmente impedida de se realizar. Caso em que estaríamos diante da forclusão da mesma como visto no caso apresentado na introdução, ou, no melhor dos casos, estando o pai no discurso materno colocado de forma desvalorizado, estaremos diante de uma metáfora que funciona de forma claudicante. Isso acontece muito nas famílias contemporâneas, onde, por exemplo, a mãe está se colocando no lugar do pai, a Lei não está mais sendo inserida, o pai cada vez mais afastado dessa trama edípica. Dor (1991, p. 103) conclui que “a forclusão do Nome-do-Pai compromete gravemente a assunção da castração simbólica. Em caso extremo, essa abolição faz falhar toda a função paterna”.

Assim, poder fazer entender essa diferença que há entre o pai real e o simbólico para os leitores, mostrando a importância desta função para os personagens do complexo de Édipo.

Para concluir, diante de tudo que se foi falado, é preciso que tenhamos um olhar perante o que a Psicanálise fala da função paterna, pois esta função constitui um fator crucial na estruturação psíquica do sujeito. E além do mais, como diz Passos (2007, p. 4) “estamos em novos tempos, com novas estruturas, cabe somente continuar reinventando a família, adaptando-a a esse novo contexto, a essas novas exigências atuais”. É tentar dar importância a essas crianças que estão inseridas nessas novas famílias e sinalizar através do viés psicanalítico a palavra (lei) e o amor dos seus cuidadores, que de fato, esses novos avanços impõem importantes mudanças nos referenciais simbólicos.

REFERÊNCIAS

BARROS, F. O. O pai e sua função na Psicanálise. In: *Do direito ao pai*. Belo Horizonte: Del Rey, 2001. p. 93-105, v. 2 (Coleção Escritos em Psicanálise e Direito).

DOR, J. A função paterna e seus avatares. In: *O Pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1991, p. 57-92.

DOR, J. A função paterna e seu fracasso. In: *O Pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1991, p. 101-112.

_____. Introdução: a função paterna em psicanálise. In: *O Pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1991, p. 13-20.

_____. O estádio do espelho e o Édipo. In: *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 77-88.

FREUD, S. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago. 1997 (1909). Edição Standard Brasileira.

_____. *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. In: _____. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago. 1997 (1923). Edição Standard Brasileira.

_____. *Dissolução do Complexo de Édipo*. In: _____. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago. 1997 (1923). Edição Standard Brasileira.

_____. *Sobre as Teorias Sexuais Infantis*. In: _____. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago. 1997 (1908). Edição Standard Brasileira.

_____. *Um Esboço de Psicanálise*. In: _____. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago. 1997 (1940). Edição Standard Brasileira.

LACAN, J. A metáfora paterna. In: *O seminário*, Livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 166-184.

_____. *O seminário*, Livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. *O seminário*, Livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

NASIO, Juan-David. O conceito de castração. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 13-29.

PASSOS, P. P. *Resenha bibliográfica sobre o livro “A família em desordem” de Elisabeth Roudinesco*. *Psicanálise em Revista* (Revista da Sociedade Psicanalítica do Recife), vol.5 - n°1, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acessado em: 16/11/2009.

PIERRE, Kaufmann. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

SIGAL, A. M. *A psicanálise e o feminino e sua relação com as novas técnicas de fertilização assistida*. Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acessado em: 16/11/2009.

SÓFOCLES. *Édipo rei*. Trad. Donaldo Schüler. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004

i

ⁱ É o pai de carne e osso, o pai biológico, aquele que está como o criador dos seus filhos.

ⁱⁱ Haveria necessidade de que o sujeito do significante, que, como tal, é vazio, se tornasse, a partir desse vazio, falta no Outro. Isso supõe que, para se fazer ser, esse sujeito possa se tornar falta no Outro. Nisso vem se inscrever a questão do sujeito: “será que falta lá dentro?” ... “será que lhe falta?”, e, por essa inscrição, a possibilidade de sua perda de ser.

ⁱⁱⁱ A concepção lacaniana do significante implica uma relação estrutural entre o desejo e o “grande Outro”. Essa noção de “grande Outro” é concebida como um espaço aberto de significantes que o sujeito encontra desde seu ingresso no mundo; o conjunto dos termos que constituem esse espaço remete sempre a outros e eles participam da dimensão simbólica margeada pela do imaginário. A instância imaginária do eu se forja em função do que faz falta no Outro.